

O Currículo e as perspectivas docentes no contexto pós pandemia: para onde caminhamos?

Ma. Jéssica Muniz Braga –Brasil
jessicalinkamuniz@gmail.com

1

Dr^a. Mariangela Camba – Brasil

mariangela.camba@unimes.br

2

INTRODUÇÃO

A Educação tem ganho refletores dantes ignorados pela sociedade civil e até mesmo dentro do cenário acadêmico – considerando-se as disparidades no tocante aos desmontes públicos sociais que perpassam *verbas x destinações* chegando ao solo de nossas escolas – especialmente na rede pública de ensino.

Impossível não rever nossas práticas educativas!

A esfera pública que comanda toda a engrenagem social no Brasil, ou seja, a mídia que comunga em doutrinas vis submete a parte mais afetada por essa mesma engrenagem a *utopia* de melhora para TODOS...

Eis então a latente indagação:

De que “todos” falamos? Se pararmos para notar o termo de patriarcado estabelecido dentro do viés histórico e que permanece explícito e naturalizado, começaremos a questionar as agruras que são cada vez mais elevadas ao patamar político que tenta reverter chagas e apresentá-las como uma espécie de normalidade da qual muitos infelizmente se habituaram e sequer ousam relutar... A esse respeito

As reflexões anteriores me dão o direito de afirmar que os crimes só podem ser medidos pelo prejuízo que causam à sociedade e que erram aqueles que creem que a verdadeira medida do delito é a intenção de quem o comete, pois isso dependerá da impressão atual dos objetos nos sentidos e a disposição prévia da mente, e ambos podem variar entre os homens e mesmo no mesmo homem em momentos diferentes, segundo suas ideias, paixões e circunstâncias.
(BECCARIA, 2012, p.26).

Desenvolver pois ações que visem combater em concretude o estado homogeneizador que se revela há décadas em países decolonizados, os crivos se voltam para as nulidades que dificultam a retomada pedagógica explicitando patologias sociais impostas no cotidiano!

DESENVOLVIMENTO

As inferências docentes diante da práxis educativa permeiam uma vasta contradição no que se refere aos paradigmas ainda envoltos pela visão patriarcal de marginalizações históricas dentro da Educação no Brasil.

Outrossim, há de se considerar as premências curriculares que vigoram socialmente, isto é, o que deveria ser tratado de forma valorativa quase sempre é abordado em conotações que reforçam contextos excludentes...

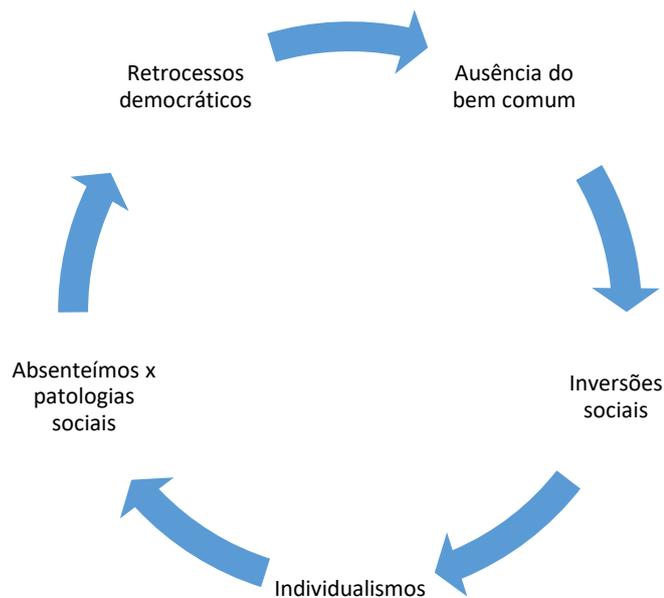
Dentro dessa ótica

Assim como as condições específicas de uma classe ou profissão dão a certas partes da lei mais importância, e assim aumentam a sensibilidade do sentimento de direito legal em respeito a sua violação, essas mesmas condições podem produzir um enfraquecimento desse sentimento. (IHERING, 2015, p.92).

O verbo *enfraquecer* tem sido um antagonista que assola diferentes campos da Educação brasileira, os profissionais dentro de suas regiões e especificidades de ensino se veem muitas vezes como “algozes” num sistema torpe que os conduzem ao sentimento de impotência...

Contudo, cientes dessa marcha ao caos, alguns se arriscam a transgredir as vulnerabilidades buscando contribuir com ações locais para que haja possibilidades de reversão dessas circunstâncias banalizadas por esferas que ignoram a força de um coletivo docente diante de suas próprias complexidades em prol da equidade, contra pautas que se observam na figura a seguir:

Figura 1 – Currículo x Sociedade x Perspectivas docentes



Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Somos fadados a escolher entre imergir nas obscuridades que perpetuam o poderio alienante – ou inclinados a ponderar os reflexos de nossas próprias escolhas...

Logo, a escolha natural pressupõe termos clareza acerca das consequências de nossos atos civis/pedagógicos, seja com nossos planos didáticos curriculares, e especialmente para com as marcas deixadas nas construções de aprendizagens naqueles a quem assistimos

Trata-se de entender o pensamento que separa e que reduz, no lugar do pensamento que distingue e une. Não se trata de abandonar o conhecimento das partes pelo conhecimento das totalidades, nem da análise pela síntese; é preciso conjugá-las. (MORIN,2001, p.46).

A outorga sugere o contínuo exercício reflexivo (por vezes também ignorado por nós...), o fato é que somos responsáveis, sempre faremos de um modo ou outro nossas escolhas...

Figura 2 – Entraves para os letramentos críticos no currículo



Fonte: elaborada pela autora.

As pessoas carecem de apoio nessa retomada a normalidade para contrapor as ideologias dos chamados aparelhos ideológicos do Estado – AIE (ALTHUSSER,1980).

Por este prisma enxergamos duas escolhas:

Contribuir para o estado agonizante que lacera os sujeitos, conferindo-lhes cada vez mais desigualdades e ausência de oportunidades ou visualizar as pessoas como parceiros das organizações pois

As pessoas e as organizações estão engajadas em uma complexa e incessante interação; as pessoas passam a maior parte de seu tempo nas organizações das quais dependem para viver e as organizações são constituídas de pessoas sem as quais não poderiam existir. (CHIAVENATO,2020, P.36).

O enfrentamento docente se fomenta por meio das articulações locais, cada qual em sua referência deve colaborar para as transgressões necessárias na efetividade das mudanças tão almejadas porque

Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho. (FREIRE, 1996, p. 98).

A Educação carece de uma nova linguagem estruturada pelos currículos frente aos cenários que se alteram na era pós moderna da qual partícipes que estamos, temos em primazia formas para consolidar esforços no combate as bases antidemocráticas em nossa sociedade (neoliberalismo), valendo-se da pedagogia crítica como instrumento de relações entre a vida pública, demandas de cidadania /conexões entre conhecimentos x autoridade x poder (GIROUX, 2013), afinal, os construtos de juízos políticos bem como a eleição de valores são parte da criticidade, geram “pontes” entre as aprendizagens , as extensões de direito civil, o respeito às identidades tão efêmero em nosso contexto histórico cultural pois

Todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer a espécie humana. (MORIN,2001, p.49).

O docente que reflete suas proposições é ciente de que não existem neutralidades, as intenções previstas nos planos de ensino são um viés condutor para questionarmos as instituições e ancorarmos as práticas docentes com a premissa de uma criticidade empírica, ou seja, suscitar nos currículos o que podemos denominar “*políticas de possibilidades*”, atuando como verdadeiros intelectuais públicos com a pedagogia de resistência x esperança, numa perspectiva ativa que contemple as cidadanias plurais que nos caracterizam, pois conforme Orlandi (2009) a relação com a linguagem não é jamais inocente!

CONSIDERAÇÕES

Caminharemos juntos, pragmáticos, fazendo a análise constante de nossas bagagens culturais, que vivências imbricamos com o currículo que se aplica no cotidiano, o que colocamos em voga pautando-nos sempre por uma ética acerca das próprias explanações, isto é, quais legitimidades se abarcam em nossas partilhas pedagógicas, o que se tem explorado nas dimensões da memória pública de nosso país, o que se trilha para o futuro iminente “[...] Tal

liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina”. (FREIRE,2005, p.34).

As semioses presentes em nossa multiculturalidade reafirmam as transversalidades necessárias ao currículo crítico, plural, com práticas situadas em metalinguagens capazes de romper os paradigmas e defasagens sem “culpar” em totalidade a pandemia pela evasão escolar, por lacunas pedagógicas, pelo sucateamento dos âmbitos laborais...

A questão aqui é reconhecer que as escolas são instituições históricas e culturais que sempre incorporam interesses ideológicos e políticos. Não raro, a forma como atribuem significados à realidade é fortemente contestada por diferentes indivíduos e grupos. (SILVA, 2002, p. 142).

Que os letramentos críticos balisem as novas culturas, que o hibridismo presente que ainda provoca olhares de reticências em alguns sejam fomentos para o enriquecimento dos sujeitos no que se refere a autonomia ativa, somada a garantia dos direitos subjetivos descritos em nossa carta magna com real efetividade!

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

BECCARIA, Cesare Bonesana. **Dos delitos e das penas**. Trad. Flório de Angelis. 2. Reimpr. São Paulo: EDIPRO, 2012.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recurso humanos: o capital aberto das organizações**. 11ed, São Paulo, atlas, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GIROUX, H. La Pedagogía crítica en tiempos oscuros. In: Praxis Educativa (Arg.), v.17, n.1, enero-diciembre, 2013, pp 13-26. Universidad Nacional de La Pampa, La Pampa, Argentina. Disponível em: <https://cerac.unlpam.edu.ar/index.php/praxis/article/view/1648/1668>. Acesso em 01 de junho de 2022.

IHERING, Rudolph Von. **A luta pelo direito**. São Paulo: Hunter Books, 2015. 160 p. Tradução de Dominique Makins.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. da (orgs.). Sociologia e teoria crítica do currículo. In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. da (orgs). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2002.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, 2001.

ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.